

‘Lula é corrupto’

(Salvador, Bahia, Brasil em 22/10/2026)

Eduardo Hoornaert.

Quando, na atual agitação pré-eleitoral no Brasil, passa a circular o dito ‘*Lula é corrupto*’, uma alerta se acende. Pois a história anda repleta de casos em que ‘designações’ causaram muitos sofrimentos, por vezes por largos espaços de tempo.

&&&&

Lições da história

Repito aqui um trecho de um texto que publiquei neste blogspot uns dias atrás, fazendo um voo superficial sobre alguns momentos doloridos do último milênio da história ocidental, por causa do que chamo aqui de ‘designações’.

- Em 1095, o Papa Urbano II convoca os cristãos para uma *cruzada* contra muçulmanos. Em seu discurso, ele afirma que ‘*Dieu veult*’ que cristãos combatam muçulmanos, por eles serem *infiéis*. Sem conhecer pessoalmente o islamismo, o papa o ‘designa’ como movimento a ser combatido. Resultado: entre 1095 e 1291 se organizam dezenas de ‘*cruzadas*’, expedições de combate em terra palestina, que resultam num sem-número de mortes.

- Entre o remotíssimo ano 1022 e o recentíssimo ano 1965, a *Inquisição* reina soberana na Igreja Católica. Ela marca a história do Ocidente desde o processo contra Joana d’Arc em Orléans, no ano 1022 na França e é assumida pelo pontificado romano em 1542. A Inquisição mandou queimar vivos milhares de pessoas sob a alegação, gratuita e designativa, de serem ‘hereges’.

- No ano 1326, o Papa João XXII manda instalar processos inquisicionais contra as chamadas *bruxas*, mulheres que saem do ‘padrão’, e seu ordenamento é renovado pelo Papa Inocêncio VIII em 1484. Calcula-se que, ao longo dos séculos XV e XVIII, entre 40 e 50.000 mulheres foram

queimadas vivas, um pouco por toda a Europa Ocidental, sob a alegação designativa de serem ‘bruxas’.

- Em 1517, o frade agostiniano Martinho Lutero intenta uma reforma da Igreja Católica por meio da volta à leitura bíblica, após séculos de catequese exclusivista. Ele não pensa em formar uma igreja dissidente da romana, mas, à sua revelia, durante o ano em que ele se refugia no Castelo de Wartburg (1521), alguns de seus seguidores criam, em alguns condados da Alemanha, uma igreja dissidente, que ele tem de aceitar. O termo *protestante* é lançado no Concílio de Trento e está na origem de séculos de desentendimentos e separações.

- Entre 1559 e 1966 vigora, no seio da Igreja Católica, um *Index (Syllabus) Librorum Prohibitorum*, que condena praticamente todos os pensadores ‘modernos’: Galileu, Calvino, Maquiavel, Bruno, Descartes, Pascal, Milton, Locke, Bacon, Montaigne, Spinoza, Malebranche, Montesquieu, Voltaire, Diderot, Hume, JJ Rousseau, Darwin, Kant, Balzac, Renan. Ainda no século XX entram H. Bergson, JP Sartre, S. de Beauvoir e A. Gide.

- Entre 1964 e 1980 vigora no Brasil uma intensa perseguição aos ‘comunistas’ e hoje começa a aparecer o termo ‘terrorista’, completando a longa lista de palavras designativas sem fundamento, criadas ao longo da história: ‘pagão, primitivo, atrasado, subdesenvolvido, ignorante, vagabundo, imoral, fanático, selvagem, bárbaro, não civilizado, comunista, subversivo, judeu, islamita, africano, negro, moderno, infiel, herege, protestante’ etc. etc.

&&&&

Estamos repetindo erros do passado?

Por volta do ano 2000, eu me dei conta da importância dos filósofos linguistas. Aí me meti a ler um deles, Ludwig Wittgenstein, e foram três anos em que impus a mim mesmo um estudo acerca desse filósofo, que não é de imediata compreensão, pois se expressa em aforismos aparentemente desconexos. Sua obra mais importante, intitulada *Investigações filosóficas* (Vozes, Petrópolis, 2005; 4a ed.), contém nada menos de 693 desses aforismos.

O núcleo gerador da filosofia de Wittgenstein consiste em afirmar que ‘toda palavra é designativa’ é equivocar-se. Pois, pensando desse modo, o discurso seria uma montagem de palavras, como uma casa que se constrói por meio de tijolos. Você junta palavras e, com elas, constrói uma frase, uma sentença, um discurso, um artigo, um livro, uma teoria. A pressuposição (ilusória) consiste em pensar que se consegue ‘pegar’ a realidade por meio de palavras, como se pega uma maçã por meio da mão. Há um substantivo, em alemão, que expressa esse ‘pegar’ de modo expressivo: ‘Begriff’. Esse substantivo deriva do verbo ‘greifen’, que significa: pegar algo por meio do dedo polegar. O dedo polegar permite ‘segurar’ ou ‘captar’ uma coisa. A língua latina diz o mesmo com o verbo ‘capere’, captar, segurar, donde vem o substantivo ‘conceptus’ em latim e ‘conceito’ em português.

Wittgenstein discorda dessa epistemologia, que é costumeira na filosofia ocidental desde Aristóteles. Incansavelmente, ao longo dos 693 aforismos de suas *Investigações filosóficas*, ele não se cansa de repetir, dos mais diversos modos: nem toda palavra é designativa ou indicativa. Pelo contrário, a maioria das palavras não designa nada. Umas expressam uma ordem, um desejo, uma exortação, outras um sentimento, uma intuição, uma imaginação, um enigma, um cálculo, um pedido, um agradecimento, uma oração etc. É verdade, toda palavra tem um significado, mas isso não quer dizer que toda palavra sirva para indicar ou designar algo. A linguagem humana está repleta de significados não indicativos.

&&&&

Uma reviravolta.

Tudo isso parece teórico e longe da realidade. Nada disso: estamos aqui diante de uma reviravolta no modo de ‘conhecer’, como realça o filósofo cearense Manoel de Oliveira em seu livro *Reviravolta linguístico-pragmática na filosofia contemporânea* (Loyola, São Paulo, 1997). O reconhecimento por assim dizer intuitivo do significado das palavras por meio do modo comum de agir das pessoas, das fisionomias, do andar, do baixar ou levantar de olhos, de gestos, entonações, inclinações do corpo,

enfim, por meio dos mais variados sinais, constitui nosso modo normal de entender (ou não entender) as coisas ao nosso redor e nos premune contra discursos aleatoriamente designativos.

É de se estranhar que grandes filósofos ocidentais, desde Aristóteles, como Agostinho e Tomás de Aquino, praticamente não abordam esse tema em seus escritos. Nem Descartes parece ter se dado conta da importância de se esclarecer o teor correto de palavras e assim premunir as pessoas contra o perigo de palavras sedutoras. Wittgenstein verificou - principalmente nos anos em que lidou com doentes no hospital londrino, no decorrer da segunda guerra mundial (1940-1944) - que as pessoas se deixam facilmente prender nas redes de discursos artificiais, fabricados com a intenção de defender interesses particulares. O engano é tão generalizado que precisa urgentemente limpar as mentes de feitiços provocados por discursos artificiais, meias-verdades, mal-entendidos, preconceitos, e de proteger a cultura ordinária das pessoas comuns, ou seja, de todos nós.

Copio aqui uns versos do poeta indiano Rabindranath Tagore (1861-1941), em que ele mostra que os ingleses entraram na Índia armados de seus conceitos e que os labirintos conceituais em que eles estavam metidos lhes permitiam justificar a dominação colonial.

*Já pensaram quanto de conquistador,
para não dizer de ladrão ou assaltante,
há na expressão 'conceito'?
Ora, é por meio de conceitos que nos dirigimos ao mundo.*

Pagão, primitivo, herege, atrasado, subdesenvolvido, ignorante, vagabundo, imoral, fanático, selvagem, não civilizado. 'Lula corrupto': um conceito pré-fabricado que dispensa a escuta do outro, a visão do outro.